

ENCONTRO COM A TITIA WILKINSON

Quando achei que finalmente tinha chegado a hora de começar a nossa conversa, ela assumiu o comando.

“Venha comigo até a outra sala.

Quero lhe mostrar uma coisa.”

“O quê?”

Entramos num salão quase do tamanho do meu apartamento atual.

Uns cento e setenta metros quadrados.

No centro havia uma mesa de bilhar.

Ela me perguntou se eu conhecia o jogo.

Se eu sabia jogar.

Eu disse que sim.

Expliquei que não gostava muito da Goriziana, a versão tradicional italiana, e que preferia o bilhar americano.

Ela sorriu.

“Disso não há dúvida.

Eu já sabia.”

Aproveitei a oportunidade na hora.

Perguntei se ela tinha gastado dinheiro com o Serviço de Inteligência de Sua Majestade, se tinha lido meus livros de graça ou se simplesmente tinha pedido informações sobre mim à minha mãe.

Ela não respondeu.

Ou talvez tenha respondido com o silêncio.

Depois me conduziu até uma mesa comprida.

Sobre ela estavam expostos faqueiros, estojos de manicure, estojos de pedicure e inúmeros artigos de cuidado pessoal.

Tudo era de aço polido.

Cada peça era polida toda semana para conservar o brilho.

Mas não foi isso que chamou a minha atenção.

Todos os objetos traziam o mesmo símbolo.

As duas espadas.

A marca.

A assinatura.

A identidade.

Wilkinson Sword.

Um arrepio me correu pela espinha.

Pela primeira vez, entendi de verdade onde eu estava.

Eu não era hóspede de uma gerente.

Não era hóspede de uma executiva.

Não era hóspede nem mesmo de uma lenda corporativa.

A certa altura, ouvi vozes femininas chamando por ela.

“Titia…

Titia…

Onde você está?”

Sem hesitar, ela respondeu:

“Já estou indo.

Estou com o meu sobrinho.

O filho da Gillette.”

Naquele momento não me restava nenhuma dúvida.

Eu estava na casa da minha titia.

Voltamos para a outra sala.

Todos estavam prontos para sair.

Todos, menos eu.

Maggy me pegou pelo braço e disse:

“Deixe-me apresentar minha filha e minhas duas netas.

Nenhuma das duas é casada.

Venha.

Quero lhe mostrar uma coisa.

Espero que o deixe feliz.”

Para dizer a verdade, eu estava completamente bêbado.

Não de vinho.

De informações.

De emoções.

De tempo.

Já não conseguia processar nada daquilo.

Ela, ao contrário, aquela velhinha inglesa, era um terremoto.

Na mesma hora me perguntei como ela devia ter sido quando jovem.

E se alguém algum dia teria conseguido gerenciá-la.

A resposta veio sozinha.

Não.

Ela estava além disso.

Era uma mulher de aço.

Chegamos diante de uma fábrica abandonada.

Ela parou.

Olhou para a fábrica em silêncio.

Depois disse:

“Fernando.

Tudo começou aqui.

E, se tivessem conhecido você antes, ainda hoje teríamos a nossa empresa.

Nunca teríamos sido obrigados a vendê-la por causa de má gestão e de decisões arrogantes.”

A filha.

As netas.

Todas em silêncio.

Até Dominique parecia comovido.

Depois ele disse:

“Este é o passeio emocional que a velha senhora sempre faz para impressionar os convidados.

Sempre a mesma cerimônia inglesa.”

Mas desta vez ela não estava falando com um convidado.

Estava falando com o sobrinho.

Quando o passeio terminou, eles me levaram de volta ao hotel.

Fui eu que pedi para voltar.

Não estava pronto para absorver tantas emoções num único dia.

Mas nos encontraríamos de novo no dia seguinte.

Ferdinando